

MORRO DO SALGUEIRO: PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E CULTURA¹

Gisálio Cerqueira Filho²

“A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”.
(Abertura do livro “Viver para Contar”, de Gabriel García Márquez)

O fragmento de constituição da subjetividade inscrito no sobrenome familiar de meu pai e, portanto, relacionado ao meu próprio processo de construção subjetiva, ao qual nos referimos é o significante “Salgueiro”, que será interpretado na perspectiva da psicopatologia fundamental.

Salgueiro, nome de família pelo lado paterno, cuja história vamos narrar, é também importante referência na cidade do Rio de Janeiro, pelo menos a partir do início dos anos 1930, no alvorecer do século XX. Nomeia um bairro na Tijuca conhecido popularmente como “morro do Salgueiro” e se refere aos moradores pobres basicamente oriundos de uma mesma região da África. Nomeia também uma Escola de Samba tradicional da mesma cidade. Eventualmente transforma-se em adjetivo quando a filiação a Escola de Samba reivindica a identidade “salgueirense”, associada às cores vermelho e branco e ao lema “nem melhor, nem pior; apenas diferente”.

A história em tela está, pois associada a uma história familiar. Joaquim Pires Alves Salgueiro era português (pai de minha avó pelo lado paterno) e casado em segundas núpcias com Maria Bonifácia, de origem italiana, da Sicília. Tiveram vários filhos deste casamento, dentre os quais Clotilde Alves Salgueiro, minha avó (mãe de meu pai), carinhosamente chamada Vovó Santa.

¹ Trabalho revisto e originalmente apresentado no II Congresso Internacional e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Belém do Pará, 7 a 10 de setembro de 2006.

² Doutor em Ciência Política e Professor Titular de Sociologia. Docente e pesquisador sênior na UFF.

Esta avó paterna casou-se, em primeiras núpcias, com Joaquim Augusto Santana Pereira de Távora Cerqueira, português natural de Caminha,³ Viana do Castelo, Portugal, descendente da família do Marquês de Távora; já então empobrecida, quando da emigração para o Brasil. Joaquim Augusto Cerqueira (meu avô pelo lado paterno) casou-se sucessivamente com quatro mulheres, sempre por motivo de viuvez. Com cada uma das três esposas anteriores teve filhos, sendo que com Clotilde Alves Cerqueira, quarta esposa, teve cinco filhos, a saber: Flávio, Gisálio, Hildênia, Irtilde e Jersildo em ordem alfabética. É importante ressaltar a referida ordem do alfabeto, pois os nomes dos filhos anteriores também observavam uma certa ordem alfabética, embora cumulativa. Meu pai foi batizado com o nome de Gisálio Augusto Salgueiro Cerqueira.

Minha avó morou no fim da vida na rua Moura Brito, na Tijuca, tendo vivido uma parte de sua vida no mesmo bairro. Seu pai Joaquim Salgueiro, apelidado “Velho Salgueiro”, viveu também na Tijuca, imediações da atual Rua Bom Pastor, numa casa que estava no sopé do morro, e que mais tarde terá o seu próprio nome. Ele tinha um irmão, Domingos Salgueiro e ambos trabalhavam na região, então com várias chácaras. Nesta área, há cerca de 100 anos atrás se estabeleceram as irmãs da Congregação Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor de Angers. Estas irmãs iniciaram, no início do século XX, um trabalho com meninas órfãs ou abandonadas como eram então chamadas, chegando a fundar um internato, fechado há mais de trinta anos. O “Velho Salgueiro” teria contribuído para a construção tanto do orfanato quanto de uma capela católica anexa.

Há uma referência ao nome Salgueiro no romance de Lúcio Cardoso:

___ “Foi há muitos anos...”

___ Tu viu?.

___ Não... me contaram... Todo mundo sabe... Chegou um homem chamado...

³ O autor homenageou a vila Caminha em *Aldeia Marítima*, publicado in “CROMOS” (poemas), Editora 7 Letras, Rio de Janeiro, 2000; gravuras de Madalena Jara.

___ Português?

___ Não sei... Joaquim Salgueiro.

___ Rico?

___ Podre de rico. Então nesse morro se dizia *morro do Trapicheiro*. É como se chama na carta da Prefeitura.

___ E o homem?

___ Seu Joaquim Salgueiro comprou o morro e veio morar aqui. Fez as primeiras casas...Os primeiros chegaram.Depois, quando ele morreu passaram a dizer *morro do Seu Salgueiro*.

___ Ah! Morro do Salgueiro"...⁴

Na mesma região estabeleceram-se ainda o Hospital Evangélico Bom Pastor, com uma capela luterana e serviços religiosos para os doentes e também o Colégio Batista, de confissão religiosa protestante conforme o nome anuncia. Nos últimos quinze anos uma parte do edifício que abrigou as "Irmãs de Angers", transformou-se na paróquia Católica romana do Bom Pastor.

Meu pai, nascido aos 25 de março de 1913, viveu em Jacarepaguá e, a maior parte da sua vida, na Tijuca e imediações desta área da Rua Bom Pastor, onde em meados do século XX, estabeleceu-se uma fábrica de tecidos, com uma parcela dos trabalhadores fabris morando em vila operária contígua à fábrica. Já antes houvera uma fábrica de óleo, abandonada após a gripe espanhola do início do mesmo século e que matou muita gente na cidade. Por coincidência, e ainda sem conhecer esta história familiar, vim morar com minha família na Rua Bom Pastor no início do ano de 1983 num prédio recém construído onde outrora fora a fábrica de panos.

⁴ Lúcio Cardoso, "Salgueiro", 1ª edição pela José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1935. Segunda edição pela Editora Civilização Brasileira, Rio, 2007, ver pp. 48-49.

A partir da história familiar deste meu bisavô é confirmada ainda pelo testemunho oral de parentes próximos. O nome Salgueiro foi dado ao morro que cobre o contorno sudeste desta área tijuicana. Ele apresenta nos dias atuais uma forte cobertura vegetal e possui uma parte considerada de manejo ambiental, aquela que sobe pela região conhecida como do Rio dos Trapicheiros e que se encontra por trás do hospital Evangélico. No período histórico anterior ao estabelecimento do Colégio Batista e à instalação da fábrica de tecidos, por toda esta área plantava-se café. Assim, a razão de dar ao morro o nome de Salgueiro esteve fortemente associada, no seu início à ação do Velho Salgueiro e do seu irmão Domingos Salgueiro, que atuaram não apenas como moradores com interesses na região, mas também como empreendedores e encarregados.

Dentre as muitas estórias associadas à figura do “Velho Salgueiro” conta-se que, morando numa casa grande no sopé do morro que já levava seu nome, dedicava-se a manter três ou quatro outras mulheres como amantes e todas morando numa pequena vila ainda existente na Rua dos Araújo, esquina com a Rua General Roca, também situada na subida do morro. Era então costume enviar uma carroça puxada por cavalo com mantimentos e guloseimas para estas famílias, que viviam às suas expensas. Também me foram casos referidos ao fato de colaborar com o orfanato da Rua Bom Pastor, pois supunha que ali pudessem viver órfãos que fossem eventuais filhos seus...

No ambiente bucólico que então era a Tijuca, um vale entre morros, meu pai cresceu e viveu uma parte da sua adolescência. Chegou a namorar uma das filhas de Silvio Romero, então morador na Rua Moraes e Silva, mas veio a se casar com a idade de 32 anos com Lucy Régua da Costa descendente de portugueses de Peso da Régua, Portugal, e de uma família de militares do exército e funcionários públicos. Professora do Colégio Piedade, instituição de ensino que desdobrou-se na Universidade Gama Filho, recebera educação esmerada num dos melhores colégios do Rio de Janeiro, o Colégio La-Fayette, na rua Hadock Lobo. Quando se casaram vieram a morar na Rua Senador Soares, na divisa dos bairros da Tijuca, Andaraí e Aldeia Campista. Meu pai estudou contabilidade e formou-se em Janeiro de 1946 como contador, mas quando casou, em 1945, já trabalhava no comércio e era cotista minoritário das Lojas da Perfumaria e Camisaria Meyer, que ocupavam um quarteirão inteiro no bairro do mesmo nome. Nesta loja de departamentos, um conjunto de casas comerciais que vendiam de tudo um pouco (roupas masculinas, cama e mesa,

perfumes e objetos de toucador, sapatos, artigos esportivos, lustres, miudezas para casa, etc.), ele trabalhou toda a vida, aposentando-se na mesma loja comercial que, por sinal, antecipou como loja de variedades, o que mais tarde seria o *shopping-center*. Teve quatro filhos e morreu em Janeiro de 1999.

Para o que nos interessa, importa o relato do sucedido quando adolescente; provavelmente por volta dos quatorze, quinze anos de idade. Estávamos então em fins dos anos 1920.

O morro do Salgueiro não era ainda ocupado. Aos poucos algumas pessoas foram chegando e fazendo barracos de madeiras. Embora hoje o morro do Salgueiro só possua praticamente moradias de alvenaria e um sistema razoável de água e esgoto, bem como coleta de lixo; na época, tudo era muito precário. O morro recebeu os primeiros moradores, quase todos afro-brasileiros, oriundos de uma mesma região do continente africano. Ontem como hoje, eram poucos os imigrantes de outros estados ou regiões do Brasil. O fato é que, desde os primeiros momentos de ocupação a expressão "Salgueiro" ganhou uma conotação de afro-descendência, "negritude" com os adereços comuns: significava mais "samba", "batuque", "malandragem" e menos "trabalho", sobretudo fabril. Também estava associado às danças e lutas de "capoeira" então fortemente reprimidas pela polícia. Era mais um morro que preservava as tradições afro do que apontava para um encontro étnico, embora evidentemente existisse miscigenação. A expressão "Salgueiro" era praticamente sinônimo de "negro".

Ora, recorde-se o nome completo de meu pai: Gisálio Augusto Salgueiro Cerqueira. O primeiro nome, Gisálio, deriva de uma combinação de sílabas realizada por meu avô, português de Caminha, mas há quem diga também que é uma homenagem à "*Madonna Del Ghisallo*", virgem padroeira dos ciclistas e cujo santuário situa-se no trecho italiano Bellagio/ Onno/ Asso/ Ghisallo do qual se vislumbra os lagos *di Lecco e Como*. Esta capela rivaliza com a *Chapelle Notre-dame des Cyclistes*, próximo de *Mont-de-Marsan*, departamento de *Landes* e ainda hoje muito recordada, sobretudo por ocasião do *Tour de France*. O segundo nome, Augusto, apostado ao primeiro e com ele formando um nome duplo, remete ao mesmo nome do pai, meu avô, também Augusto, e tem também a conotação de puro, ilibado, "augusto", no sentido da homenagem prestada ao imperador romano. Os dois outros nomes, na verdade sobrenomes, são Salgueiro e Cerqueira. Salgueiro, pela via materna e Cerqueira, nome paterno. Ora, minha avó Clotilde Alves Cerqueira, aborrecida com a

conotação de negritude que o nome Salgueiro lhe impunha, pressionou meu pai a tirar este sobrenome, numa época que isso era então possível. A princípio relutante, meu pai acabou realizando este desejo materno e modificou o seu nome para Gisálio Cerqueira, abdicando a partir de então do Salgueiro, mas também do Augusto. Quando nasci recebi o nome de Gisálio Cerqueira Filho, sem que constasse o sobrenome Costa, do lado materno. Importa registrar que meus três irmãos tem o sobrenome Costa Cerqueira.

Tal procedimento relativo à modificação do nome de meu pai é o que proponho analisar e interpretar brevemente, do ponto de vista da relação entre psicopatologia fundamental e cultura.

Se por um lado o Código Penal republicano de 1890 contemplava a abolição da escravidão de 13 de maio de 1888, o Código Criminal de 1830 ainda produzia seus efeitos repressivos e autoritários.

Podemos mesmo dizer que o “fazer sofrer punitivo, como índice de gozo e sintoma do sadismo na política, mantivera-se intacto tanto na ideologia quanto na ordem dos afetos e sentimentos, sobretudo inconscientes. E, de fato, este “fazer sofrer punitivo” se desdobrava do ontem da supremacia dos senhores sobre os escravos para a supremacia dos maridos sobre as mulheres e também dos professores sobre os discípulos, sobrevivente nos afetos e nas mentalidades, mas ainda e sobretudo inscritos nos códigos republicanos. Isto para não falar que, no campo do direito civil, vigiam ainda as Ordenações Filipinas. Todo este complexo acabava por autorizar fortes permanências escravocratas na sociedade brasileira, especialmente no Rio de Janeiro, capital federal e importante centro comercial negreiro de um passado nada longínquo. Atualizavam-se de um golpe o preconceito contra o trabalho braçal, a capoeira (dança e luta), os cultos afro (especialmente o candomblé), o samba, o batuque, a malandragem; tudo isso inscrito como totalidade na identidade afro-brasileira; cujo significante “negritude” expressava já um significado de exclusão e desprezo social.⁵

Quando a mãe de meu pai dirige-se a ele fazendo-o ver que o sobrenome Salgueiro tinha uma tal conotação, pois no tempo histórico (fim dos anos 1930) começavam a chegar os primeiros negros, alguns ex-escravos, no morro do

⁵ Lucio Cardoso, Salgueiro, “*op. cit.*”.

Salgueiro, ele promove a retirada do Salgueiro do seu nome. Aproveita a oportunidade da ida ao cartório e retira também o Augusto. Passa, a partir de então, a chamar-se Gisálio Cerqueira.

Queremos chamar atenção para o fato de que se há uma renúncia à identidade afro-brasileira pela via da confirmação do nome de batismo com corte do sobrenome materno, então legalmente possível, uma tal iniciativa se inscreve no campo da cultura como forma de resistência à exclusão social e tentativa de inclusão a partir da identidade ibero-americana. Se tivesse a pele de cor negra isto seria impossível.

Os desdobramentos que determinam a assunção do novo nome estão relacionados às relações entre sociedade miscigenada e cultura, a partir da percepção das etnias num quadro de relações de força na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX.

Fica claro o quanto os conceitos de miscigenação por mistura e por justaposição, nos termos propostos por Manoel Tosta Berlinck,⁶ podem apontar para a falácia de uma sociedade fundada na conciliação e na mistura étnica, que dissolve os conflitos. Simultaneamente, a lacuna Salgueiro “fala” de uma ablação cultural que marca a justaposição afro, ainda que pela ausência, com a influência européia, de origem ibérica. À época eram muitos os ressentimentos e conflitos envolvendo portugueses e descendentes africanos. Não devemos assim desprezar uma ação reativa dos portugueses quando muito lusitanos eram mal vistos. E isso vinha de longa data.⁷

⁶ Manoel t. Berlinck, Caterina Koltai e Ana Irene Canongia, Esquizofrenia e miscigenação in *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, vol. IV, no. 4, dezembro de 2001, p. 11-29.

⁷ Ver Gladys Sabina Ribeiro, “A liberdade em construção: identidade e conflitos anti-lusitanos no Primeiro Reinado, Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2002 e “Mata-Galegos: os Portugueses e os Conflitos do Trabalho na República Velha”, Brasiliense, São Paulo, 1990.

Embora não estejam abandonadas as demonstrações de prova, os modelos de análise por indução e dedução são aplicados na devida interação com os procedimentos analíticos por abdução, conforme proposto por Carlo Ginzburg.⁸

Em alguma medida, podemos falar do que resta como vulnerabilidade psíquica neste virar de costas para a identidade africana e para a função paterna cujo vínculo possa ter sido afro-brasileiro.⁹ Podemos falar ainda de um decidido **não** à melancolia inscrita no significante *Salgueiro* que então era uma das marcas do morro, conforme o romance de Lúcio Cardoso, de 1935.¹⁰

⁸ Gizlene Neder, “História e historicidade: pensamento em concreto e práticas historiográficas” in Patrícia Bressan da Silva (org.), “Pensamento em concreto, pensamento sem concreto”, Academia *Skepis*, São Paulo, no prelo. Para um recente exercício da metodologia indiciária de Carlo Ginzburg veja-se “Medo, reverência e terror: reler Hobbes hoje”, mimeo, palestra pronunciada no ICHF/ UFF, Niterói, 18 de setembro de 2006.

⁹ Ver Angelina Harari, “Clínica Lacaniana da Psicose”, Contracapa, Rio de Janeiro, 2006.

¹⁰ Lúcio Cardoso, “*op. cit.*”

RESUMO: Um fragmento de constituição da subjetividade (o sobrenome familiar) é aqui interpretado na perspectiva da psicopatologia fundamental. Os desdobramentos que determinam a assunção (ou não) do referido sobrenome estão relacionados às relações entre sociedade miscigenada e cultura, a partir da percepção das etnias num quadro de relações de força na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. São discutidos os conceitos de miscigenação por mistura e por justaposição nos termos propostos por Manoel Tosta Berlinck. Embora não estejam abandonadas as demonstrações de prova, os modelos de análise por indução e dedução são aplicados na devida interação com os procedimentos analíticos por abdução, conforme proposto por Carlo Ginzburg. Discute-se ainda o conceito de vulnerabilidade psíquica.

PALAVRAS-CHAVE: Salgueiro, subjetividade, psicopatologia fundamental e cultura.